

Virola bicuhyba (Schott ex Spreng.) Warb.

(bicuíba, bicuíba mirim, bucuva, bucuvuçu, árvore de sebo)

Família: Myristicaceae

Sinônimos: *Virola oleifera*

Endêmica: sim⁶

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica⁶

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A bicuíba é uma árvore semicaducifólia (perde suas folhas no inverno) com 5 a 20 metros de altura. Ela desenvolve-se melhor em áreas pouco úngremes com boa disponibilidade de água. Seu tronco é reto e cilíndrico, de casca externa marrom-escura avermelhada, com fissuras no sentido horizontal. As folhas são simples e alternas, lembrando folhas compostas. A madeira é de baixa durabilidade e baixa resistência ao apodrecimento, indicada apenas para acabamentos internos, construção civil, carpintaria, marcenaria, compensados. Com a madeira também se produz lenha de boa qualidade, celulose e papel.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (esteios, celulose e papel, caixilhos, forro e teto, portões e portas, revestimento decorativo, rodapés, tabuados, canoa, lenha, carpintaria e marcenaria, chapas e compensados, laminação, móveis), produtos não madeireiros (recurso para fauna, medicinal, ornamental, óleo, resina)^{1,4,2}

Características gerais

Porte: altura 5.0-35.0m DAP 40-105cm^{7,4,2,1}

Cor da floração: -

Velocidade de desenvolvimento: -

Persistência foliar: Semidecídua^{1,4,2}

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto^{1,2}

Superfície do tronco: Fissurada^{1,2,3}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)¹

Cuidados

Poda de condução e de galhos: não²

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas¹³

Áreas com inundações temporárias e áreas bem drenadas, não alagáveis.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária tardia, Clímax^{1,2,11,12}

Polinizadores: Principalmente as abelhas e diversos insetos pequenos.^{2,1}

Período de floração: dezembro a abril^{7,2}

Flores de dezembro a janeiro (CARVALHO, 2003); de janeiro a abril (RODRIGUES, 2002).

Tipo de dispersão: Zoocórica^{9,2,10}

Agentes dispersores: Principalmente aves, inclusive tucanos (GALETTI et al., 2000), e pequenos mamíferos (CARVALHO, 2003). Excelente frutífera para lagartos, cotias e aves (BACKES; IRGANG, 2004).^{1,2,4,5}

Período de frutificação: outubro a março^{2,7}

Frutos de outubro a dezembro (RODRIGUES, 2002); de fevereiro a março (CARVALHO, 2003).

Associação simbiótica com raízes: -²

Deve-se investigar a possível presença de fungos micorrízicos arbusculares nas raízes.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{2,4}

Os frutos devem ser coletados somente quando iniciarem abertura espontânea, o que é facilmente notado pela coloração vermelha do arilo que envolve as sementes. Em seguida levá-los ao sol para completarem a liberação das sementes. Não há necessidade de remover o arilo envolvente

(LORENZI, 2002). As sementes devem ficar de molho para se retirar o arilo e posteriormente devem ser colocadas para secar (CARVALHO, 2003).

Tipo de semente: Recalcitrante²

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento²

Produção de mudas: Recipientes individuais^{4,1,2}

Recomenda-se semear em sacos de polietileno, com no mínimo 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro ou em tubetes de polipropileno grandes. Quando necessária, a repicagem deve ser feita 3 a 5 semanas após a germinação (CARVALHO, 2003).

Tempo de germinação: 10 a 50 dias^{2,4,1}

Taxa de germinação: 60%²

Número de sementes por peso: 447/kg⁴

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra^{2,8}

Tolera sombreamento leve quando jovem e exige luz quando adulta (CARVALHO, 2003).

Bibliografia

¹ BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

³ HOELTGEBAUM, M. P.; QUEIRÓZ, M. H.; REIS, M. S. Relação entre bromélias epifíticas e forófitos em diferentes estádios sucessionais. Rodriguésia, Rio de Janeiro, v. 64, p. 337-347, jun. 2013.

⁴ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁵ GALETTI, M.; LAPS, R.; PIZO, M. A. Frugivory by toucans (Ramphastidae) at two altitudes in the Atlantic Forest of Brazil. Biotropica, Washington, v. 32, n. 4b, p. 842-850, 2000.

⁶ RODRIGUES, W. Myristicaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 16 ago. 2013.

⁷ RODRIGUES, W. A. Myristicaceae. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: HUCITEC, 2002. v. 2, p. 209-212.

⁸ TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. Colonização de clareiras naturais na floresta atlântica no sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 56-66, jun. 1997.

⁹ BORGIO, M. A Floresta Atlântica do litoral norte do Paraná, Brasil: aspectos florísticos, estruturais e estoque de biomassa ao longo do processo sucessionais. 2010. 165 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias,

¹⁰ ZIPPARRO, V. B.; GUILHERME, F. A. G.; ALMEIDA-SCABRIA, R. J.; MORELLATO, L. P. C. Levantamento Florístico de Floresta Atlântica no Sul do Estado de São Paulo, Parque Estadual Intervales, Base Saibadela. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 5, n. 1, 2005.

¹¹ LEITE, E. C.; RODRIGUES, R. R. Fitossociologia e caracterização sucessional de um fragmento de floresta estacional do sudeste do Brasil. *Revista Árvore*, Viçosa, v. 32, n. 3, p. 583-595, 2008.

¹² MARTINS, S. S. *Recomposição de matas ciliares no Estado do Paraná*. 2. ed. Maringá: Clichetec, 2005. 32 p.

¹³ MARTINS, S. V. *Recuperação de matas ciliares*. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.